

SOLENIDADE DE SÃO PEDRO E SÃO PAULO

MISSA DA VIGÍLIA

PROPOSTA DE MEDITAÇÃO

Pedro e Paulo são continuadores da missão de Jesus (I Leitura). Mas ser apóstolo, ter *convicção de ser enviado por Deus para cumprir uma missão*, não é fácil! É preciso zelar pela consciência de que tudo é de origem divina e Nele confiar, pois as objeções são fortes (II Leitura). Pedro e Paulo são duas figuras diferentes e complementares da história da Igreja, mas a liderança de ambos era alicerçada no Amor a Jesus Cristo (Evangelho). Quem não ama e nem tem fé (ser pedra, ter convicções profundas!), também não está aberto à experiência do martírio (incruento) que deriva da missão que recebeu, por isso está inapto para assumir cargos de liderança.

I LEITURA: ATOS 3, 1-10

– OS APÓSTOLOS CONTINUAM A MISSÃO DE JESUS

A cena narrada neste trecho é reproduzida ainda hoje na entrada de muitas das nossas Igrejas: mendigos pedindo esmola! O texto retrata o testemunho de sensibilidade humana e de fé dos apóstolos Pedro e João ao curarem um coxo de nascença. Encontramos neste texto alguns detalhes significativos merecedores de reflexão.

a) A importante a síntese entre fé e vida: a atitude de Pedro e João é muito diferente daquela dos sacerdotes narrados na parábola do bom samaritano: *“um sacerdote estava descendo por aquele caminho; quando viu o homem (caído por terra), passou adiante, pelo outro lado. O mesmo aconteceu com um levita: chegou ao lugar, viu, e passou adiante, pelo outro lado. Mas um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele, viu, e teve compaixão”* (cf. Lc 10, 32-33). Com esse gesto de percepção do necessitado na sua situação de indigência, os apóstolos testemunham aos presentes que a intenção de orar implica propósito de amar e comprometer-se com a promoção da dignidade dos outros. A fé gera responsabilidade com a vida. Se há reta intenção em orar, também deve haver compromisso renovado em ser “bom samaritano” capaz de transformar o sentimento de fé em compromisso de solidariedade com quem necessita. Oração combina com sensibilidade humana que se faz espírito de iniciativa promotora do Bem.

b) A frustrada expectativa do coxo: ao ver os apóstolos, o coxo esperava receber alguma coisa (cf. At 3, 5), claro, uma esmola! A sua situação de indigência cristalizada já não lhe inquietava a ponto de ver sua vida transformada! O que lhe interessava não era nada mais do que manter a sua sobrevivência através da esmola. Contudo, os apóstolos movidos pela contemplação da dignidade humana, como Jesus, não se deixam levar pelo apelo paliativo daquele pobre coitado. Nem sempre é certo dar ao outro o que ele pede, quando sabemos que, o que ele quer, não é o melhor para si, mas o faz por causa da sua limitação. Diz Paulo que tantas vezes não sabemos pedir o que convém (cf. Rm 8,26). O apóstolo, bom pastor, tem a missão de ser intérprete das necessidades, das demandas, das exigências dos seus destinatários e dos contextos onde se encontra.

c) Levanta-te e anda: *“o que tenho te dou: em nome de Jesus Cristo levanta-te e anda”* (At 3,6). A oferta dos apóstolos é o próprio Jesus Cristo! Com esse gesto eles continuam a missão do Messias libertador (cf. Mc 10,1-2). Está em evidência aqui o testemunho da fé transformadora dos apóstolos que é acesa no coração do coxo. Quando Pedro lhe diz: “olha para nós!”, quer dizer “Cria!”, “Olhe para Cristo!” Acolha o dom da fé como força capaz de fazer você sair da mendicância, de superar o

comodismo, do vitimismo, do fatalismo (era cego de nascença!); a fé gera força capaz de gerar dinamismo.

d) A libertação gera alegria: a libertação da paralisia e do comodismo é consequência da aceitação de um processo que começou com “um olhar de fé” e continuou pela obediência da aceitação do deixar-se conduzir: “pegando-lhe a mão direita, Pedro o levantou... e na mesma hora os pés e os tornozelos do homem ficaram firmes” (AT 3, 7). Foi o olhar de fé que alimentou a sua obediência para deixar-se levantar e proporcionou ao paraplégico a firmeza dos seus tornozelos (símbolo de subjetividade, de liberdade, de possibilidade de fazer um caminho por si mesmo). A reação do curado é de extrema alegria. Assumindo o seu dinamismo natural, sai “andando, pulando e louvando a Deus” (AT 3, 8).

Nossa Vida

Várias lições, bem concretas, nos ensinam este trecho da Palavra de Deus:

a) Os discípulos de Jesus Cristo (cada um de nós batizado) devem traduzir a fé (desejo de oração) em iniciativas que contribuam para a transformação da vida das pessoas. Trata-se de um convite a dar testemunho vivo e sensível da fé.

b) Somos chamados a fazer um caminho de libertação da paralisia que colabora para a nossa “mendicância”. A fé desencadeia em nós esse processo de mudança gradual e progressivo em vista da experiência do “salto e do canto de alegria” por causa da recuperação da dignidade humana. A libertação promove alegria... e para o crentes há motivo para ação de Graças a Deus.

c) Pedro e João representam a comunidade que vive sua fé em profunda coerência com as atitudes de Jesus Cristo. É a comunidade capaz de estender a mão aos mais necessitados e promover sua dignidade.

SALMO 19, 1-5: É um salmo de louvor à grandeza de Deus revelada através das suas obras (cf. Sl 19,2). Os termos “céus” e “firmamento” indicam a totalidade das obras de Deus, aquilo que vemos e o que não vemos. A grandeza de Deus também se manifesta na sucessão do tempo sem intervenção humana: um dia “passa a mensagem para outro dia, a noite a sussurra para a outra noite” (Sl 19,4)... e assim o tempo passa! Tudo o que existe no universo é a silenciosa voz de Deus, mesmo se não ouvida; e o eco dessa voz pode ser percebida em qualquer lugar do mundo (cf. Sl 19,5).

II LEITURA: GAL 1,11-12 – PAULO EXEMPLO DE SUPERAÇÃO

Os cristãos da Galácia (uma região, hoje, pertencente à atual Turquia) formavam uma comunidade que, na sua grande maioria, era oriunda do paganismo e sofria pressão daqueles convertidos do judaísmo a ponto de alguns abandonarem o que lhes fora inicialmente ensinado (cf. Gal 1,6). Esses “malditos” e promotores de “confusão” (cf. Gal 1,7-8) não aceitavam a Paulo como apóstolo e procuravam de diversas formas minimizar a sua figura por ter abandonado judaísmo (pertencia ao grupo dos fariseus) e por isso contestavam sua doutrina. Na carta aos Gálatas, Paulo aborda temas como a “lei”, a “liberdade” e a “escravidão” na perspectiva da ressurreição de Cristo (amor, vida nova!) e isso, de certa forma, não era muito bem-vindo aos cristãos de origem judaica ainda presos a tantos costumes antigos. Neste primeiro capítulo temos uma rica auto-apresentação do apóstolo Paulo. Vejamos alguns dados importantes. Trata-se de uma apresentação pessoal numa perspectiva crítica aos cristãos-judeus da comunidade:

a) O evangelho pregado por Paulo não é de origem terrena e nem vem de uma tradição humana, mas foi revelado por Jesus Cristo (cf. Gal 1, 11);

b) Paulo não esconde o seu passado de “excessos”, por causa do zelo pelas tradições paternas (cf. Gal 1, 13);

c) Sua vocação é uma graça de Deus que o “consagrou”- o separou, desde o ventre materno (cf. Gal 1, 15);

d) Jesus se revelou a ele e lhe conferiu a missão de pregar aos pagãos (cf. Gal 1,16);

e) Paulo não manifestou docilidade imediata, não foi imediatamente a Jerusalém para se apresentar aos apóstolos – quer dizer, Paulo não foi voluntarista e não teve interesse próprio (cf. Gal 1, 17);

f) Fez um profundo tempo de discernimento (três anos), portanto, amadureceu, assimilou o chamado (cf. Gal 1,18)

Nossa vida

Duas ideias-chaves:

a) Autoestima apostólica: Paulo é o apóstolo dos pagãos, mas também é zeloso pela formação que proporcione o redimensionamento da fé dos seus antigos correligionários judeus. Apesar de receber deles incompreensões, duras acusações (por ignorância) e sofrer pela desconfiança no exercício do seu ministério apostólico, em nenhuma situação coloca em dúvida sua vocação e sua identidade de apóstolo. Não entra em crise. Sua auto-estima apostólica é inabalável porque nada se fundamenta nele: tudo tem origem divina, Deus o chamou desde o seio materno para essa missão e o próprio ressuscitado confirmou essa sua vocação. Portanto, Paulo não é um simples voluntário: é um enviado, foi chamado, é obediente, sabe em quem depositou sua fé (cf. 2Tm 1,12).

b) Exemplo de superação: Paulo não se deixa condicionar negativamente pela vergonha do seu passado. É um homem resiliente: capaz de superar os males que ele mesmo fez no passado, mas não deixa que nada atrapalhe sua vida futura, é um homem verdadeiramente livre, responsável, de grande maturidade humana. Há muitas pessoas que, por terem errado no passado, vivem oprimidas pela vergonha que condiciona negativamente seu futuro. Olhando a vida de Paulo somos chamados a seguir seu exemplo de superação, se isso não acontecer, também nunca se estará apto para servir com liberdade.

EVANGELHO: Jo 21, 15-19

– QUEM QUER LIDERAR DEVE AMAR!

Esta narração com seus detalhes específicos, unicamente descrita pelo evangelista João, é ambientada no contexto pós-pascal da comunidade dos discípulos, marcado pelos encontros com Jesus Ressuscitado, dinamismo da comunidade, alegria, otimismo e vontade de comunhão entre eles. O texto pode ser dividido em duas partes: Jesus confia a Pedro o pastoreio do seu rebanho e a predição do futuro de Pedro.

a) Jesus confia a Pedro a liderança da Igreja: a entrega dessa liderança é precedida por três perguntas: “*Simão, filho João, tu me amas mais que estes*”? “*Simão, filho de João, tu me amas*”? “*Simão, filho de João, tu me amas*”? Essa insistência sobre o Amor por parte de Jesus é correta, coerente, necessária! Quem não ama não está apto a liderar pessoas! O serviço de liderança da Igreja não está baseado numa fria força coercitiva de zelo por uma lei, mas sim na capacidade de testemunhar um ideal de dinâmica fidelidade a Jesus. Somente quem O ama verdadeiramente, poderá ser-lhe fiel, pois o líder será provado na sua fidelidade ao seu mestre, ao projeto que recebeu, à missão que lhe foi confiada. Caso contrário, de acordo com as circunstâncias, começará a negociar o que não deve, corrompendo-se e traindo sua missão. No texto em grego aparecem dois verbos diferentes que se referem ao verbo amar: “**philéo**”= amor no sentido de querer bem, gostar, ser amigo, limitado; e “**agapao**”= amor sem restrições, sem condições, ilimitado, infinito, gratuitamente sem fronteiras. A perspectiva de Jesus, proposta a Pedro é aquela de um amor total. Mas Pedro responde com o um amor limitado (amizade) humano... Jesus o

acolhe da mesma forma, confiando-lhe a responsabilidade sobre seu rebanho. Apesar de limitado, consciente disso, o amor de Pedro é sincero porque tem para com Jesus uma amizade especial. Essa amizade com o Mestre dará sustentabilidade à sua missão; sua função representativa no meio dos demais, como centro de unidade, é séria! Em fim, ambos os verbos deverão ser conjugados honestamente pelo bom líder, pois quem ama sua missão de liderança acompanha, orienta, corrige, ensina, escuta, repreende, discerne, decide, forma, protege, comunica, dialoga, alerta, estimula... O amor humano (philéo) é sustentado e alimentado pelo amor divino.

b) A predição do futuro de Pedro: a fidelidade de Pedro o levará ao martírio em Roma no ano 67 é por isso que Jesus lhe disse: *“quando você ficar mais velho, estenderá as suas mãos, e outro colocará o cinto em você e o levará para onde você não quer ir.”* Jesus falou isso aludindo ao tipo de morte com que Pedro iria glorificar a Deus. E Jesus acrescentou: *«Siga-me.»* (Jo, 21,19). Pedro seguiu Jesus até a morte e morte de cruz. Mas conforme diz a tradição, pediu para ser crucificado de cabeça para baixo pois não se sentia digno de morrer da mesma maneira de Jesus. Liderança tem uma profunda relação com “martírio”, sofrimento, incompreensão, profetismo. Quem assume a função de liderança de uma comunidade cristã deve, portanto, se preparar para, de diversas formas, experimentar a martírio incruento (sem sangue).

**PEDRO E PAULO REPRESENTAM DUAS DIMENSÕES DA IGREJA:
A VISÍVEL E A INVISÍVEL**

PEDRO SIGNIFICA	PAULO SIGNIFICA
– Dimensão político-administrativa, jurídica, governo...	– Dimensão afetivo-missionária, relacional, carismática...
– Base hierárquica: centro de comunhão, convergência, discernimento e decisão...	– Dinamismo expansivo, empreendedor...
– Autoridade, chamado à obediência...	– Tensão à teimosia, crítica, conflitividade...
– Base doutrinal, Tradição...	– Inculturação, flexibilidade, profetismo, inovação...
– Unidade, centro de convergência, comunhão, discernimento	– Abertura, parceria, encontro, diálogo, abertura à pluralidade...
– Estrutura organizativa...	– Espiritualidade, vitalidade, transcendência...

Pedro representa a base institucional e política da Igreja: doutrina, legislação, hierarquia...

Paulo representa a dimensão missionária, carismática, sensível e pastoral da Igreja...

A segunda sem a primeira fica des governada e a primeira sem a segunda fica fria e perde sua razão de ser.

Antônio de Assis Ribeiro

P. Bira – SDB /BMA

SOLENDADE DE SÃO PEDRO E SÃO PAULO

PROPOSTA DE MEDITAÇÃO

MISSA DO DIA

QUEM É O APÓSTOLO?

A Igreja celebra neste domingo a festa São Pedro e São Paulo, duas grandes colunas da Igreja primitiva. Pedro chamado a servir ao Reino de Deus através do serviço da liderança (Evangelho); Paulo foi chamado a ser o empreendedor apóstolo dos pagãos (cf. Gl 1,16). Dois apóstolos muito diferentes entre si, mas profundamente chamados a trabalhar pelo mesmo Senhor. Ambos deram a vida por Cristo. Na primeira leitura Lucas testemunha que as forças do mal não prevalecem sobre a Igreja e Deus liberta seus servos. A quem ama e serve com generosidade e alegria está reserva a coroa da Glória (II leitura).

I LEITURA: ATOS 12, 1-11

- DEUS ASSISTE E LIBERTA SEUS APÓSTOLOS

Uma forte perseguição foi empreendida contra a comunidade dos cristãos em Jerusalém. O grande líder dessa perseguição é o rei Herodes Antipas, neto do grande Herodes do tempo do nascimento de Jesus (cf. Mt 2,1,13; Lc 1,5). Ele já tinha mandado matar a Tiago, o primeiro dos apóstolos a ser martirizado (cf. Atos 12,2) e estava decido a mandar matar também a Pedro, o líder daquela incômoda "seita" nascente (cf. At 24, 5.14), os cristãos. Isso era de grande agrado aos judeus uma vez que a cada dia perdiam fiéis, que se convertiam em cristãos aos milhares (cf. At 2,41; At 4,4). Mas a ofensiva contra os cristãos não era simplesmente por motivos religiosos, mas também políticos uma vez que os cristãos, vivendo em profunda comunhão com os ensinamentos de Jesus, não se deixavam manipular por ninguém. Herodes, após a festa da páscoa tinha a intenção apresentar Pedro, prisioneiro, ao povo (cf. At 12,4-5). "Apresentar" significava, como aconteceu com Jesus, obter do público o aval para decretar a sentença da pena de morte a Pedro. Todavia, os perversos planos humanos resultaram em total frustração para seus promotores (cf. Atos 12,6). Deus quando quer libertar seus mensageiros neutraliza a maldade humana. Lucas narra que Pedro foi libertado enquanto estava dormindo entre dois soldados (cf. At 13,6,8). Isso representa a afirmação da total iniciativa divina e condução do processo de libertação daquele que confessou sua irrestrita fé no Messias, o filho do Deus Vivo (cf. Mt 16,16). A figura do anjo é sinal da presença divina... Pedro presta-lhe obediência e o acompanha como verdadeiro discípulo (cf. At 12,8-9). Tudo acontece gratuitamente, os guardas ficaram confusos (cf. At 12,18), o portão se abriu sozinho (cf. At 12,10); não era uma visão, mas um fato (cf. At 12,9) e por ser realmente uma intervenção divina um "novo êxodo pessoal" acontece para Pedro: ele é conduzido para fora da prisão e ganha a liberdade (cf. At 12,9). Vendo o fracasso do seu projeto, Herodes revela ainda mais sua crueldade mandando matar os guardas da prisão (cf. At 12,18); pena de morte para inocentes... outra vez (cf. Mt 2,13)! Merece atenção nesse texto uma informação muito importante para Lucas: enquanto Pedro estava na prisão a comunidade dos cristãos orava por ele fervorosamente (cf. At 12,5). Deus que atende a súplicas de seus pobres e servos, veio ao encontro dessa comunidade orante. Enfim, enquanto a Palavra de Deus crescia e se multiplicava (cf. 24), o promotor da perseguição morre e se decompõe carcomido por vermes (cf. At 12,22-23): as forças do inferno nunca prevalecerão contra a Igreja (cf. Mt 16,18), mas a mesma não é poupada de ser perseguida. Deus "guarda o passo de seus fiéis, enquanto os injustos perecem nas trevas - pois não é pela força que o homem triunfa" (1Sam 2,9).

NOSSA VIDA

A narração é idealista porque tem como objetivo nos deixar uma grande verdade: o homem na sua pequenez de criatura não tem consistência para destruir os planos definidos por Deus por não estarem à mercê da liberdade humana. O texto não descreve uma luta entre as forças armadas de Herodes e o anjo de Deus; não fala da coragem e da ousadia de Pedro buscando estratégias para promover a sua libertação. Os fatos acontecem sem a intervenção humana e a estrutura promotora da carceragem fica inerte (sem movimento!) e inócua (sem ação ofensiva!). A narração é um convite a crermos que Deus é o Senhor de todas as forças do mundo e com sua Providente Bondade transforma a história e as estruturas humanas e coloca-se como aliado dos seus servos (cf. 1Sam 2,1-10; Lc 1,51-55). Por isso, aqueles que estão a serviço das causas divinas não devem temer os promotores do mal, mas animados pelo Espírito Divino depositam sua confiança Naquele que os chamou. De fato, Pedro não se amedronta, não se lamenta, não se desespera, mas mantém sua serenidade. Ser apóstolo, enviado a falar em nome de Deus, é quem é capaz de assumir as conseqüências do conteúdo inquietante do próprio anúncio. Se a ação em prol do Reino está sendo realizada com honestidade e em comunhão divina, a resposta final também virá da parte de Deus (cf. Mt 5,10-12). A postura do apóstolo nessas circunstâncias é delatora da sua autenticidade: Pedro não rebate com violência, não procura estratégias de autodefesa, mantém-se tranquilo e firme. Ele é instrumento de paz e por isso não deve contradizer-se com suas atitudes. Pedro não apela para a autodefesa porque conta com a assistência divina que o conforta e o liberta no tempo oportuno. Lucas, o autor da narração, nos convida também a refletir sobre a força da Oração da comunidade que, mais do que um gesto de solidariedade, é uma súplica a Deus para que a justiça divina se manifeste. A oração perseverante e feita com fé tem conseqüências positivas.

SALMO 34: É um salmo de agradecimento a Deus que ouve o clamor dos pobres (cf. Sl 34,2-3), traz segurança a quem está amedrontado (cf. Sl 34,5), nos salva de todos os apertos (cf. Sl 34,6); cuida dos justos, mas ajusta as contas com os malfeitores (cf. Sl 34,16-17), liberta os perseguidos e prisioneiros (cf. Sl 34,8.20-24). O Salmista experimentando em sua vida a bondade de Deus convida a todos os crentes a fazerem o mesmo dizendo: “provem e vejam como Javé é bom: feliz o homem que nele se abriga” (Sl 34,9).

II LEITURA - 2Tm 4, 6-8, 17-18

- A CONSCIÊNCIA DO BOM CUMPRIMENTO DA MISSÃO

Esta segunda leitura nos apresenta Paulo com uma atitude de fé madura e serena; modelo, para todo cristão ciente da sua frágil situação existencial vivendo a senilidade. Relativamente idoso, cansado, depois de tanto serviço gratuito (em prol de tantas comunidades), Paulo se sente abandonado e solitário (cf. 2Tm 4,9-10.16). Contudo, confessa publicamente que Deus esteve como seu aliado sempre a seu lado: “Mas o Senhor ficou comigo e me encheu de força, a fim de que eu pudesse anunciar toda a mensagem, e ela chegasse aos ouvidos de todas as nações” (2Tm 4,17). É ciente do sentido de sua história... Ofereceu-se em “libação”, ou seja, derramou suas forças (vida) em prol dos outros, como o vinho derramado sobre a vítima sacrificada. Paulo revela a Timóteo clara consciência de sua história de vida pessoal. Diz: “Combati o bom combate”, terminei a minha carreira, guardei a fé” (2Tm 4,70). Não se sente justificado pressupondo um prêmio já reservado para si, mas acredita sim, na “coroa da justiça” que virá do “justo juiz”: a Deus cabe dar a premiação a quem merece, dele vem o reconhecimento e a justa

recompensa. Ele sempre dá a sua justa recompensa a “todos os que tiverem esperado com amor a sua manifestação” (2Tm 4,8).

NOSSA VIDA:

Estamos vivendo numa sociedade que se move pela lógica do sucesso, do mérito pessoal, do constante apelo aos direitos individuais, etc. A ideologia **capitalista** se rege pelo critério da produtividade e aquela **utilitarista** por aquilo é vantajoso ao sucesso e à glória; tudo parece seguir a lógica do saldo positivo entre custo e benefício (recompensa). Não tem vez para o custo (sacrifício) gratuito! O espaço para a libação, ou seja, para o derramamento de “suor e sangue” (voluntariado) em prol dos outros, parece cada vez mais reduzido. Paulo nos testemunha que fez-se oferta e derramou sua vitalidade em prol do Reino de Deus. Isso não é só para quem assumiu a vida religiosa, mas para quem tem fé e compreendeu que sair de si e fazer a experiência da gratuidade, longe de acarretar prejuízo ao ser humano, o enobrece e o torna mais feliz e digno de ser admirado. Outro testemunho brilhante do mesmo apóstolo é aquele das características da sua velhice: serena, sábia, matura, rica de conteúdo, consciente de que sua história não foi enfeitada de flores, mas sabe do bem que fez e, por isso, se sentia com o coração cheio de esperança. O império do materialismo que promove a busca do egoísmo e do prazer, infelizmente, está gerando em nossos dias muitos idosos infelizes e rabugentos, violentos, vazios, viciados, libidinosos, psicologicamente oprimidos pelos males do passado, e existencialmente frustrados. A pastoral da pessoa idosa contempla essa realidade! Para muitos, a terceira idade, divulgada como a melhor idade, é uma ilusão! Se para uns a velhice é a fase do acúmulo das frustrações porque nas outras fases da vida não aprenderam a viver, a servir, a amar o próximo, a serem gratuitos, a perdoar, a dialogar, a plantar as sementes do Bem, etc. Para outros, é bem verdade, é tempo abençoado, feliz e sereno... tempo de gratidão, testemunho de sabedoria e fé. Depende da vida! A experiência existencial de Paulo é proposta de uma senilidade saudável (ou velhice sadia). Isso é consequência do doar-se, do fazer o bem, do manter a fé, do ser perseverante no bem, do ajudar os outros... A espiritualidade cristã nos convida a assumir a nossa vida como contínua “luta” pela promoção bem, como o dinamismo de um atleta que concorre em direção ao prêmio e como soldado que combate por uma boa causa. Terminar bem a carreira, fazer o bem e guardar a fé é imprescindível para sentirmos a alegria e a serenidade que vem da esperança da recompensa.

EVANGELHO: Mt 16, 13-20 – A PROFISSÃO DE FÉ E O PRIMADO DE PEDRO

O texto do evangelho de hoje tem uma grande relação com a primeira leitura e vice-versa. Jesus promete a Pedro o serviço de liderança da Igreja nascente. Vejamos alguns dados a serem refletidos:

a) O contexto: antes de tudo parece-nos muito significativo o contexto no qual acontece essa promessa. **Jesus e seus discípulos estão em pleno trabalho pastoral**, onde percebem, de perto, o clamor das massas martirizadas pela pobreza e desorientação, fome de pão e de esperança, abatidos pela dureza e indiferença dos fariseus promotores da dominação religiosa (cf. Mt 15, 29-39; 16,1-12). Como no contexto do seu Batismo inaugurando a sua missão (cf. Mt 3,13-17), Jesus não está em Jerusalém, o centro político-religioso e não faz caso de uma solenidade. Com isso Jesus quer dizer que essa liderança a ser constituída, deve ser diferente, não tem outra missão que aquela de **promover zelosamente o Reino de Deus para os pobres, dando continuidade à sua missão** (cf. Lc 4, 14-19). Essa autoridade a ser constituída, em Pedro, terá legitimidade à medida que o

mesmo for um promotor da paixão pelo Reino da Justiça Divina. Para isso, deverá manter-se longe dos privilégios de um líder político dos reinos deste mundo. Essa promessa se cumpre após a Ressurreição (cf. Jo 21, 15-17).

b) A profissão de fé de Pedro: no centro desse evento está a profissão de Fé de Pedro. Jesus faz uma espécie de sondagem para saber o que dizem dele. Isso em nada tira ou acrescenta à consciência que ele tem de si mesmo. Ele quer favorecer uma oportunidade para que aqueles que estão ao seu redor verbalizem suas convicções a seu respeito. À diferença daquilo que diz o povo que acreditava que Jesus seria um profeta ressuscitado (Elias, Jeremias ou João Batista), Pedro faz um ato de fé tomando a palavra em nome dos colegas: *“Tu é o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16)*. Jesus gostou dessa atitude porque percebeu a sinceridade de Pedro que não estava “fazendo média” para captar a benevolência de Jesus. Pedro não é um “bajulador”! É um homem honesto, sincero e sabe declarar-se rendendo-se à Verdade; tem convicção do que está afirmando sobre Jesus porque sua fé está alicerçada em seu testemunho do extraordinário agir de Jesus (milagres, fez experiência!). Quando Jesus lhe diz *“não foi a carne ou o sangue que te revelaram isso”*, está lhe dizendo, em outras palavras, *“Pedro, que bom que você não é um porta-recados!.. portador de opiniões alheias. Mas tem convicção própria, tem fé!”*

c) A declaração de Jesus: a contra-partida de Jesus é surpreendente pois faz a promessa de entregar a Pedro uma grande responsabilidade: a liderança dessa nova comunidade. *“Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja...”*. Essa declaração de Jesus foi estimulada pela profissão de Fé de Pedro que revelou-lhe a consistência da sua fé: profunda e sincera, decidida e generosa (pedra). Os mais nobres alicerces de qualquer agrupamento humano é constituído pelo senso de fé, pela confiança, pela comunhão, pela honestidade, pela sinceridade de cada pessoa. Quando isso não existe a associação se desmancha e todos se dispersam. Com a Igreja não é diferente! Já ultrapassou os 2000 anos! Além dos vínculos humanos provenientes da fé, O Espírito Santo a sustenta. O conteúdo da promessa tem mais dois importantes dados: *“as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela”... (Mt 16,18)*; o inferno era a morada dos mortos, mas aqui representa as potências do mal, os opositores do Reino de Deus; eles nunca dominarão a Igreja porque esta é assistida pelo Espírito Santo que atualiza no seu seio a presença de Jesus (cf. Mt 28,20: “eu estarei com vocês todos os dias” – Jo 14,18: “Não vos deixarei órfãos. Eu virei a vós”); o outro dado é este: *“tudo o que ligares na terra será ligado nos céus e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus” (Mt 16, 19)*. A função de Pedro é aquela de ser ministro e por isso tem as “chaves”, símbolo de autoridade, do poder, da legitimidade para aprovar ou desaprovar, permitir ou proibir, aceitar ou rejeitar. Vale à pena ressaltar que essa autoridade Petrina, que se perpetua na figura dos papas, não é absoluta! Terá legitimidade à medida da comunhão com o Mestre e foi sob essa condição que Jesus outorgou esse poder a Pedro. A autoridade Petrina está submissa ao poder o Espírito Santo, fonte do Reino de Deus. Mas tudo o que decidir sabiamente (em matéria de fé e moral) terá aceitação divina.

Nossa Vida

Também nós somos hoje chamados, pessoalmente, a fazer a nossa declaração de fé! A fé de Pedro estava embasada em sua experiência de proximidade de Jesus (relação), como testemunha ocular de sua vida extraordinária. A declaração de fé de Pedro tinha uma profunda base existencial: ele conhecia Jesus porque com ele convivia! Quem com Jesus não convive, não o encontra através da sua Palavra e tem uma idéia errônea sobre ele. Isso questiona a sustentabilidade da nossa experiência de fé! De que maneira se dá a nossa relação com Jesus? A fé de Pedro é a base sobre a qual se assenta e se sustenta a responsabilidade de pastor e guia dos seus irmãos discípulos: *“tu é Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”*. Não há séria e honesta liderança se esta não

estiver alicerçada na fé, na confiança e numa profunda comunhão como a causa de tudo. A fé é aquilo que garante a sustentabilidade do amor que se faz doação, entrega, gratuidade, perseverança... De fato, no evangelho de João, após a declaração de Fé de Pedro Jesus lhe pede para que cuide do seu rebanho (cf. Jo 21,15-17). Quem ama pode cuidar com generosidade daquilo que não é seu! Quem ama é porque acredita, tem fé e, por isso, pode servir cuidando de um rebanho que não lhe pertence; por isso deverá ter consciência transparente de ser simples servo e administrador de pessoas que lhe foram confiadas. Conseqüentemente, não deverá assumir uma postura de dono e nem de senhor do rebanho (cf. 1Cor 4,2; Tt 1,7;2Pd 5,1-4). Da profissão de fé e do Amor decorrem a responsabilidade do serviço de liderança: símbolo das chaves... significa a autoridade de "ligar e desligar", de dizer "sim" ou "não", de concordar ou rejeitar, aprovar ou reprovar. O critério é o Reino de Deus! Tudo o que está conforme ao Reino de Deus, Pedro deverá apoiar e confirmar, tudo o que estiver contra o Reino de Deus, Pedro deverá dizer "não"! Ser líder significa ter consciência dessa dupla função de "abrir e fechar", "ligar e desligar". Isso, por vezes, poderá causar impacto negativo nos opositores. Mas se o líder negligencia essa dupla função assumindo uma postura negociadora e integrista, será infiel à sua missão de líder. Por isso o bom líder deve ter honestidade administrativa, sanidade psíquica, harmonia psicológica, palavra consistente, visão profunda da realidade, robustez espiritual, visão das conseqüências de decisões, sólidas convicções afinadas com a "carta magna" que o orienta (o evangelho!). A forte crise de liderança que a nossa sociedade vive hoje, talvez seja porque poucos estão dispostos a contrariar; assim fez Pilatos (cf. Jo 19,12).

MENSAGENS E PROPÓSITOS

1. Deus nunca abandona seus servos. A força do mal é destruída.
2. Quem bem vive, bem conclui sua existência.
3. Para se bem servir aos outros é necessário ter fé e amar.

Antônio de Assis Ribeiro
(P. Bira – SDB /BMA)